



## FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DA ORIENTAÇÃO ACADÊMICA À INTERVENÇÃO PROFISSIONAL

Jeane Barcelos Soriano

Universidade Estadual de Londrina – Brasil

Tem sido um grande exercício discutir a formação profissional em educação física. Quando a elegemos com objeto de pesquisa, detectamos um bom número de publicações, sobretudo com caráter de ensaio, cujos autores se debruçam junto a discussão sobre qual seria a melhor orientação “filosófica”, ideológica ou mesmo epistemológica que os cursos em educação física deveriam ter.

Têm-se vários aspectos importantes sendo considerados, mas efetivamente, várias publicações trazem poucas evidências advindas de trabalhos de campo, nos quais a formação venha sendo investigada quanto: (a) aos seus desenhos curriculares; (b) ao estudo dos valores e crenças que a orienta; e (c) na abordagem dos conteúdos da intervenção enquanto seu componente básico.

Ao mesmo tempo, tem havido um movimento interessante nos últimos 10 anos que vem se consolidando em eleger a formação e a intervenção profissional como questões centrais de seus trabalhos. Ainda que seja com ênfase na formação docente, paulatinamente os estudos sobre essas temáticas vêm também ampliando seu olhar para a habilitação destinada à atuação fora do contexto escolar. Mas algumas questões guardam eminência nos estudos relacionados à intervenção e formação profissional em educação física: O que caracterizaria uma intervenção<sup>1</sup> de qualidade? Qual seria a perícia de um profissional? Quais habilidades poderiam ser descritas como caracterizadoras de um profissional “expert”? Quais são os valores e crenças que norteiam o processo de tomar decisão do profissional?

No entanto, permanece como um grande desafio as demandas suprimidas e/ou a antecipação de novas possibilidades, principalmente, quando assumimos a necessidade de refletir sobre a instrumentalização do profissional de educação física, na exata medida de avaliar tanto suas possibilidades de atuação e o resultado de seu trabalho, como também identificar possibilidades de intercâmbio e relação com outras áreas.

Incontestavelmente, a inserção da preocupação com a orientação acadêmica combinada com os questionamentos político-ideológicos do papel desempenhado pela Educação Física em nossa sociedade, sobretudo no contexto escolarizado, fez com que a aceitação, a valorização e o domínio do conhecimento científico se tornassem condição *sine qua non* e uma bandeira para emancipação e avanço de sua situação interinamente “pré-científica”, tanto no meio universitário quanto no profissional, desde a década de 80.

<sup>1</sup> Adotamos o termo “*intervenção*” para fazer referência às respostas profissionais de maneira geral. Apesar de ser uma decisão arbitrária, quis evitar uma confusão para a qual Bosi (1996) chamou atenção e que diz respeito ao fato do termo “*atuação*”, por exemplo, remeter muitas vezes ao **local** em que trabalha o profissional, muito mais do que para a própria ação a ser empreendida. Somo a isso o fato de “*intervenção*” dar a idéia de **intenção** de influir sobre o desenvolvimento de algo. Nesse sentido, ao se pensar numa ação ou resposta típica de grupos profissionais, espera-se que tal intenção esteja assentada sobre um tipo de autoridade constituída e configurada a partir dos “conhecimento e experiência”, os quais, entre outros fatores, permeariam o processo de tomar decisão (intenção de influir) do profissional (SORIANO, 2003).

A resultante é uma experiência bastante comum entre nós: o exercício de se tentar defender a seriedade, profundidade e cientificidade de nossa área desfilando a suposta relação direta ou correlação com áreas externas à nossa. Muitas vezes, esse se torna um mecanismo interessante de defesa, afinal quem poderia duvidar de um profissional que passou por grupos de conhecimentos tais como, anatomia básica e do aparelho locomotor, fisiologia básica e do exercício, sociologia, estatística, biomecânica?

Ainda que haja embates “filosóficos” (a partir de uma visão romântica de ciência), necessariamente, o egresso ou mesmo o estudante do curso de graduação em educação física terá o primeiro choque de demanda por síntese<sup>2</sup>, quando se dá conta de que não sabe por onde começar, mesmo sendo supervisionado por alguém já formado. O caminho já conhecemos: consultas a receituários, manuais de “sequências pedagógicas”, a colegas sobre qual é o “joguinho” da vez. Não que tais procedimentos devam ser desprezados.

Porém, numa época em que a orientação científica é quase que um norteador ideológico, fato é que, em meio ao turbilhão de informações consideradas como imprescindíveis, muitas delas, foram produzidas não, necessariamente, visando intervenção profissional. Temos, então, que a problemática do conhecimento para intervenção como sendo algo que deve ser construído, não apenas como um mero atributo pessoal ou unicamente assimilado no curso de formação profissional, como se fosse um “kit”.

Um sem número de vezes, enquanto docentes nas IES, nos surpreendemos quando nos deparamos com estudantes em final de curso com considerações ou algumas expressões muito próximas do senso-comum com relação ao seu espectro de atuação e, por muitas vezes, mostram-se desestimulados, quando fazem referência às perspectivas de desempenho e realização profissional na área.

Para além da reserva de mercado, a busca da legitimidade será mais bem sucedida se procurarmos mapear o que teríamos de conhecer sobre nosso serviço profissional, os usuários que atendemos e possíveis produtos e equipamentos.

Ao discutirmos a intervenção do profissional devemos considerá-la a partir da tríade trabalho, subjetividade e qualificação profissional, pois isso nos permite a possibilidade de uma avaliação sobre contrapontos do real impacto de um curso de formação inicial e da influência do conhecimento científico na articulação de respostas profissionais. Não é que se esteja defendendo a “descientificação” do trabalho do profissional de educação física, mas com certeza, esse aspecto nos ajuda a assumir um olhar mais ponderado sobre o tipo de conhecimento empregado por ele e, por sua vez, se estava ou não sendo considerado pela produção de conhecimento, categoricamente, produção científica de nossa área.

Obviamente, várias tensões permeiam as IES, de maneira geral, e os cursos de educação física, especificamente, sejam elas públicas ou privadas, tais como, tais como: a) a presumida produção científica e o aporte epistemológico apregoado por alguns docentes; b) a vigorosa e suposta divisão entre práticos (os docentes que atuam em disciplinas orientadas às modalidades esportivas) *versus* teóricos (os docentes que atuam em disciplinas desenvolvidas regularmente em sala de aula, de caráter pedagógico, humanístico e/ou de difusão de conhecimento científico e cultural).

Dentro de um quadro histórico da própria educação física não podemos afirmar imperiosamente, que essas tensões sejam específicas desse cenário, mesmo assim, guardam algumas consequências que acabam interferindo na forma como os estudantes de educação física veem sua própria área, tanto com relação à produção de conhecimento, como de atuação profissional.

---

<sup>2</sup>SINTESE: o uso dessa categoria se justifica pelo aspecto mais primário, ou básico, de seu uso que é a demanda pelo emprego de método, processo ou operação que utilizado obtido a partir de elementos diferentes, concretos ou abstratos, e fundi-los num todo coerente, de forma a se tornar uma operação pela qual se constrói um sistema (HOAUISS, 2002; PRIBERAM, 2010).

Com relação a primeira vertente, as tensões pautadas na produção acadêmica e no aporte epistemológico de alguns docentes acabam por resultar, *grosso modo*, junto aos estudantes, uma expectativa de “excelência acadêmica” que guarda diferenças significativas em relação às referências de desempenho ou “excelência” profissional. Quando não ponderados, esses aspectos podem gerar em alguns estudantes uma sensação de fracasso, pois não se atinando com as referências da “excelência acadêmica”, parece partir deles, o descumprimento da agenda de desenvolvimento profissional.

Conseqüentemente, o que ocorre é (a) uma busca desenfreada e irrefletida pela carreira acadêmica, gerando uma demanda virtual junto aos cursos de pós-graduação *stricto -sensu* que, não estão preparados e não foram implantados para atendê-la; (b) a criação de linhas especializadas de investigação, que no todo, também não têm contribuído para uma caracterização efetiva da área acadêmica e, por fim, (c) um acúmulo excessivo de informações inoperantes advindas desses estudos, os quais, muitas vezes, não têm prosseguimento, ou ainda, decorrem de uma necessidade pessoal de complementação para superar dificuldades que vêm desde a graduação.

Já a segunda vertente de disputas, acaba tornando díspares e, até mesmo incongruentes, produções e reflexões sobre conhecimento em educação física que deveriam ser complementares. Se do lado dos supostos “práticos”, por exemplo, há restrições sobre diferentes possibilidades, aplicações, ou mesmo, conhecimento de mecanismos relacionados ao processo ensino-aprendizagem acerca de modalidades típicas do esporte ou ginástica, do outro, os “teóricos” subestimam um conhecimento importantíssimo, muitas vezes, tacitamente construído, que poderia ser sistematizado e que, por exemplo, está na raiz da operacionalização do ensino e das instruções acerca do movimentar-se, como por exemplo, organização de grupos, número e qualidade de informações dadas durante execuções, momentos adequados para tomar decisões, estratégias que são utilizadas cotidianamente para se comunicar, adaptações de materiais, entre outros.

Não obstante, esses aspectos guardarem extensa influência em como o estudante venha a enxergar sua própria intervenção e, em si, não tenhamos apontamentos empíricos que nos permitam avaliar suas implicações, temos considerado nos projetos de pesquisa de nosso grupo<sup>3</sup> a intervenção com um espaço para boas questões de pesquisa, como por exemplo: a) a possível preocupação dos formandos e egressos com desempenho, em como cotejar as demandas surgidas do ambiente com o conhecimento acumulado científica e academicamente; b) que compreensão os profissionais devem ter em relação a e posição dos fatores sócio-culturais e econômicos e as implicações para o seu trabalho; c) as características de alguns expedientes utilizados pelos estudantes, em situação de estágio, quando da transição entre o aprendido e a manifestação de uma resposta profissional a uma determinada demanda.

Esse ângulo tem nos permitido identificar, inclusive, que mesmo o processo de educação profissional e as escolhas das unidades de ensino, a relevância do conhecimento, a valorização ou desvalorização de algumas práticas estarão atreladas ao sentimento de pertença a um determinado grupo e àquilo que ele representa, seja para acolhimento ou negação de determinados instrumentais de atuação.

Ao refletirmos sobre os fatores intervenientes na formação e da intervenção somos direcionados a considerar os aspectos que estão na essência da cultura específica de uma determinada área. Dessa forma, podemos compreender como se dá processo de construção da identidade profissional, em uma ligação estreita com a intervenção no campo de trabalho.

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/geipef>>.

Assim, a compreensão da intervenção profissional torna-se um dos maiores desafios, já que sua complexidade não consiste apenas na aquisição do conhecimento acadêmico, mas também na articulação de diversos tipos de saberes, de recursos e ainda capacidade de resolução de problemas profissionais.

Entre eles temos o mapeamento da *expertise* em educação física e os seus componentes, tais como a necessidade de identificação e descrição de como os profissionais de Educação Física interpretam (a) as demandas que devem ser atendidas ou não; (b) as características dos processos de tomadas de decisão; (c) as suas principais referências (culturais, políticas, morais); (d) a relação com outros grupos profissionais, (e) o tipo e organização do ambiente de trabalho; (f) a estrutura e as particularidades dos vínculos de trabalho; (g) a diversidade e a especificidade do público-alvo e os motivos que o conduzem à sua vinculação ou adesão a esses programas propostos pelos profissionais.

Quando nos atemos a discutir a formação profissional é preciso considerar que aquilo que os profissionais de educação física fazem no espaço da intervenção é que se reveste de significado, porém o seu estudo, descrição e compreensão serão mais prospectivos se conseguirmos abranger como eles justificam e procuram sentido naquilo que fazem. Portanto, a compreensão e apreensão dos elementos desse processo se fazem mais completos se considerarmos como os profissionais explicam, justificam ou questionam os recursos que articulam e as decisões que tomam; sejam elas relacionadas aos rumos que sua intervenção deve tomar, mas também como expressão da realidade onde se situam os profissionais.

É preciso considerar que, em síntese, um grupo profissional acaba por se fortalecer pelo reconhecimento social de sua especificidade ou conhecimento especializado. Esse aspecto se dá no espaço social, considerando-o como o “legitimador” da intervenção. Assim, a orientação acadêmica esperada deve acontecer na consistência da síntese de conhecimento a ser produzido e empregado, consequentemente.

Porém, o que temos no imaginário profissional é que a especificidade do profissional de educação física acontece no domínio de habilidades motoras e capacidades físicas, tendo em vista que, no espaço social, o que acaba pesando como elemento de legitimação é ponderado pelo vigor orgânico ou experiência com esporte. Paradoxalmente, no momento em que temos um dos maiores índices de produção científica. No entanto, o volume de conhecimento produzido parece ser proporcional ao distanciamento dos problemas de intervenção, os quais deveriam servir como inspiração para boas perguntas a serem investigadas, com a orientação científica.

Não é o caso de negar a importância do conhecimento abstrato, academicamente orientado, mesmo porque, repetidamente foram reconhecidas suas qualidades e contribuições para o avanço da reflexão e da pesquisa em educação física, principalmente a partir da década de 80.

Devemos constantemente buscar subsídios sobre como são combinadas as propriedades objetivas e subjetivas contidas na intervenção profissional e quem sabe evoluirmos do desenho curricular Flexneriano<sup>4</sup>, com a divisão entre disciplinas derivadas da ciência básica, no início do curso; das ciências aplicadas no intermédio e o estágio para o final, ficando por conta do estudante as sínteses e estratégias de associação entre os conteúdos desarticulados de sua formação, e conseguirmos nos proporcionar para desenhos curriculares mais próximos da preparação e treinamento necessários para as demandas atuais e futuras na área da Educação Física, sejam ligadas à docência ou ao universo extra-escolar.

---

<sup>4</sup>No início do século XX, Abraham Flexner, teceu considerações acerca da situação observada por ele como inconsistente e caótica sobre o ensino na área da saúde, nos EUA e Canadá, e de maneira específica, sobre a Educação Profissional. Evidencia-se também, no conjunto de ideias flexnerianas, a suposição de que quanto mais conteúdo e proximidade do modo de organizar e produzir conhecimento da ciência básica ou disciplinas-mãe a educação profissional mantiver, maior seria a consistência de sua educação profissional e, consequentemente, mais embasada estaria a intervenção profissional, além é claro da elevação presumida do *status* advinda dessa aproximação com o modo de fazer acadêmico e universitário.

## REFERÊNCIAS

BETTI, M. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, v.3, n.2, p.73-127, 1996.

FÁVARO, P.E. O conteúdo da intervenção profissional em educação em educação física, segundo o olhar de docentes dos cursos de preparação profissional do Paraná. 2010, 149p. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação Física e Esporte. Universidade Estadual de Londrina.

FONSECA, R.G. CORREA, A.A. ; MAIA DA SILVA, P. ; SORIANO, J.B. . A caracterização do conhecimento profissional na intervenção em Educação Física: um estudo de caso etnográfico. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 20, p. 367-380, 2009

FREIRE, E.S.; VERENGUER, R.C.G.; REIS, M.C.C. Educação Física: pensando a profissão e a preparação profissional. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. I, n. I, p.39-46, 2002

NASCIMENTO, G. Y.; SORIANO, J. B.; FÁVARO, P. E.; . A perspectiva do erro e a avaliação das conseqüências da intervenção profissional em Educação Física: uma análise de conteúdo. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v.9, n.4, p.393-400, 2007.

KOKUBUN, E. Qualidade da pesquisa da educação física. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 3., 1995, São Paulo. **Anais**. São Paulo: USJT, 1995. p.95-104

SORIANO, J.B. **A constituição da intervenção profissional em educação física**: interações entre o conhecimento formalização e a noção de competência. 2003. 240f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SORIANO J.B; WINTERSTEIN, P.J. A Constituição da intervenção profissional em educação física: interações entre o conhecimento formalizado e as estratégias de ação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.18, n.4, p.315-332, 2004.

### Contatos

Universidade Estadual de Londrina  
Fone: não fornecido pelo autor  
Endereço: não fornecido pelo autor  
E-mail: [jeane@uel.br](mailto:jeane@uel.br)

### Tramitação

Recebido em: 15/06/10  
Aceito: 15/10/10